

15/10/2004 - 07h35

Estudo mostra que 47 milhões vivem na miséria no Brasil

O Brasil possui 47,4 milhões de habitantes que não ganham o suficiente para comer, parcela que passou de 26,23% da população em 2002 para 27,26 por cento em 2003, o primeiro ano do governo Lula.

O cálculo inédito é resultado de uma pesquisa do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), apresentada nesta quinta-feira, em São Paulo.

"Esse resultado é reflexo da alta inflacionária registrada no fim de 2002, somada à estagnação econômica e ao aumento do desemprego. Isso tudo contextualizado num período de mudanças no cenário político nacional", explicou o economista-chefe do CPS-FGV, Marcelo Neri.

Segundo a avaliação do especialista, no entanto, com a mudança desse quadro já registrada em 2004, as perspectivas são positivas.

"Podemos esperar que, a partir dos dados deste ano, a taxa recue para cerca de 25% da população e a desigualdade comece a ceder", previu.

Essa estimativa para 2004 considera que a economia brasileira apresente crescimento médio de 4,5%, enquanto o nível de desigualdade mantenha trajetória de queda de 0,1 ponto por ano, como ocorreu em 2002 e 2003.

"Os fortes ajustes realizados no decorrer no ano passado nos fazem acreditar na possibilidade de continuidade da redução da desigualdade para os próximos anos", afirmou Neri.

O estudo da FGV avaliou pela primeira vez os dados abertos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para calcular a quantidade de brasileiros em situação de miséria.

Essa parcela da população não tem dinheiro sequer para comprar uma cesta básica de alimentos que garanta o consumo diário de 2.888 calorias, segundo o nível recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

De acordo com o cálculo do CPS-FGV, enquanto em 2002 a quantia mínima necessária para suprir as necessidades alimentares dos brasileiros era de R\$ 93 ao mês por habitante, no ano passado esse valor subiu para 108 reais, descontada a inflação do período.

Na comparação dos dados entre 1992 e 2003, contudo, há redução significativa da miséria nacional, com queda de 25,87% para 27,26%

Segundo o estudo, apesar de a desigualdade social brasileira estar entre as três maiores do mundo, há possibilidade de a pobreza ser reduzida por meio da transferência de renda, já que o crescimento econômico permite promover a divisão de ganhos e não de perdas, como ocorre nos períodos de crise.